

# *LUCIUS CORNELIUS BOCCHUS*

*ESCRITOR LUSITANO DA IDADE DE PRATA DA LITERATURA LATINA*



ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTORIA  
REAL ACADEMIA DE LA HISTORIA



JOÃO LUÍS CARDOSO & MARTÍN ALMAGRO-GORBEA  
(EDS.)

# *LUCIUS CORNELIUS BOCCHUS*

*ESCRITOR LUSITANO DA IDADE DE PRATA DA LITERATURA LATINA*

**Colóquio Internacional de Tróia  
6-8 de Outubro de 2010**

COM O ALTO PATROCÍNIO DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA  
PROF. DOUTOR ANÍBAL CAVACO SILVA



ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTORIA  
REAL ACADEMIA DE LA HISTORIA

LISBOA - MADRID

2011

## Ficha técnica

---

### *Título*

**Lucius Cornelius Bocchus**

*Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina*

### *Editores*

João Luís Cardoso & Martín Almagro-Gorbea

### *Execução gráfica*

Graficamares, Lda.

R. Parque Industrial Monte Rabadas, 10

4720-608 Prozelos - Amares

### *Tiragem*

350 Exemplares

© *Da edição*: Academia Portuguesa da História  
Real Academia de la Historia

© *Dos artigos e fotografias*: os respectivos autores

### *Depósito legal*

336667/11

### *ISBN*

978-841-5069-31-7



# NO BAIXO SADO: DA PRESENÇA FENÍCIA À IMPERATORIA SALACIA

*In the Lower Sado, from the presence of the Phoenicians to the Imperatoria Salacia*

CARLOS TAVARES DA SILVA\*  
Academia Portuguesa da História  
ctavaressilva@gmail.com

## Abstract

The flourishing economic, social and political life of Alcácer do Sal during the Early Empire represented the culmination of a process begun in the 7th century B.C. with the interaction of Phoenician mariners settled at the Abul trading post with the native populations in the lower Sado region.

On the basis of the results of archaeological research in the last few decades, the author outlines this process that took place in the Iron Age and led to the emergence of the most important centre for the production of treated fish products in the Western Roman world, politically and administratively organized under *Salacia*, in the foundation of which the initiatives of the *Cornelii Bocchi* surely had a hand.

## Resumo

A florescente vida económica, social e política de Alcácer do Sal durante o Alto Império representou o culminar de um processo iniciado no século VII a.C. com a interacção dos navegadores fenícios estabelecidos na feitoria de Abul com as populações autóctones do Baixo Sado.

Baseando-se nos resultados da investigação arqueológica produzida nas últimas décadas, o autor procurará delinear esse processo, que se desenvolveu no decurso da Idade do Ferro e conduziu à criação do mais importante centro de produção de preparados de peixe do mundo romano ocidental, comandado político-administrativamente por *Salacia* e a cuja fundação não teria sido alheia a iniciativa dos *Cornelii Bocchi*.

A documentação arqueológica disponível, resultante de projetos de investigação desenvolvidos em Alcácer do Sal, Abul e Setúbal, mostra que o Baixo Sado, durante a Idade do Ferro, foi cenário de intensa interação entre a população autóctone do Bronze Final e grupos mediterrâneos de origem fenícia, provenientes do sul peninsular, responsável pela criação, entre o século VIII e o VI de um horizonte orientalizante com fortes afinidades com o Círculo do Estreito. A partir do século V, até aos alvares do período romano, observa-se nesta região uma Idade do Ferro que mantém uma viva tradição orientalizante, matizada pela chegada de aportações gregas veiculadas pelo comércio

---

\* Centro de Estudos Arqueológicos do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

gaditano e por contribuições de carácter continental, celtizantes, sobretudo evidentes nos artefactos metálicos. *Lucius Cornelius Bocchus* formou-se, pois, em um ambiente sociocultural de características urbanas, de forte tradição orientalizante, marcado por dinâmica atividade comercial marítima polarizada pela metrópole gaditana.

#### HORIZONTE ORIENTALIZANTE

O processo de povoamento do Baixo Sado durante o período compreendido entre os finais do século VIII e o século VI a.C. parece ter atravessado três fases principais (Tavares da Silva, 2005).

Dos finais do século VIII aos inícios do século VII a.C. teriam ocorrido os primeiros contactos (regulares) entre Fenícios e grupos autóctones do Bronze Final. Esta fase encontra-se representada na base das sequências estratigráficas estudadas na Travessa dos Apóstolos (Soares & Tavares da Silva, 1986), Rua António Joaquim Granjo e Rua Francisco Augusto Flamengo, na colina de Santa Maria, em Setúbal. Juntamente com cerâmica de fabrico manual, tipologicamente característica do final da Idade do Bronze, que aí predomina esmagadoramente (84%, na Travessa dos Apóstolos), surgem as primeiras cerâmicas produzidas ao torno: cerâmica de engobe vermelho, cerâmica pintada policroma, cerâmica cinzenta fenícia ocidental, cerâmica comum ao torno e ânforas. Estes níveis podem, pois, corresponder a um horizonte de transição para a Idade do Ferro durante o qual as população autóctones interagem com grupos de mercadores fenícios em expansão para Ocidente.

A elevada frequência relativa de cerâmica manual, do Bronze Final, adquire especial significado cronológico, contrastando fortemente com os cerca de 12 % de cerâmica manual observáveis em contextos do último quartel do século VII como o da camada 10 do Castelo de Alcácer do Sal (Tavares da Silva *et al.*, 1980-81).

A primeira fase do processo de povoamento dos inícios da Idade do Ferro no Baixo Sado poderá estar também representada em Alcácer do Sal, povoado que, pela sua localização e dimensões deverá ter sido o principal centro urbano, político e comercial dessa região. Porém, as escavações que aí realizámos, ao terem lugar em uma área muito restrita, e talvez periférica, revelaram um hiato entre a ocupação do Bronze Final e a do último quartel do século VII, já plenamente sidérica.

O segundo momento do processo de orientalização é caracterizado pela fundação de feitorias, da iniciativa de mercadores fenícios oriundos do Estreito de Gibraltar, como se constatou no sítio de Abul, no pleno estuário do Sado, certamente na sequência de um bem sucedido diálogo intercultural durante a fase pioneira.

De facto, no segundo quartel ou em meados do século VII, funda-se em Abul uma feitoria fenícia (Mayet & Tavares da Silva, 2000). Este local (Abul A) – uma pequena península da margem direita do paleo-estuário do Sado, de onde se dominava visualmente a sua desembocadura – era servido por duas enseadas que ofereciam condições portuárias, e gozava de excelente localização geoestratégica, tendo em vista a manutenção de relações com os povoados indígenas de Setúbal e Alcácer do Sal e com a região mineira da Serrinha (Palma) a que a ribeira de São Martinho, afluente do Sado, dava acesso direto. Em Abul A é então construído um amplo edifício de planta quadrangular, provido de um pátio central, igualmente quadrangular, rodeado a oeste, norte e este por compartimentos rectangulares, por vezes de grandes dimensões, que teriam servido como armazéns, e a sul por pequenos compartimentos utilizados talvez com funções habitacionais. Tratava-se, por hipótese, de um “palácio-feitoria”, com características marcadamente orientais. A pequena elevação sobre a qual se erguia era rodeada por um fosso.

Este edifício é remodelado, provavelmente no último quartel do século VII. O pátio central é reduzido e rodeado por um corredor perimetral, com o qual comunica através de amplos vãos

abertos nos seus quatro lados. Este conjunto central, formado pelo pátio e corredor, era rodeado por compartimentos rectangulares: uns, de grandes dimensões, distribuídos ao longo dos lados este, norte e oeste, teriam sido, tal como no edifício inicial, utilizados como armazéns; outros, situados no lado sul e de pequenas dimensões, teriam desempenhado funções habitacionais (presença de lareiras). A entrada principal da primeira fase foi abandonada e deslocada para o lado sul, sendo, exteriormente, servida por uma calçada de grandes lajes de brecha da Arrábida que se sobrepôs ao fosso, o qual já então estaria inoperante e colmatado por lixos domésticos.

O edifício da segunda fase parece ter sido abandonado durante a primeira metade do século VI.

A filiação fenícia de Abul A encontra-se claramente expressa na arquitetura, com paralelos no Mediterrâneo oriental, no padrão locativo e no espólio exumado, que comporta todas as grandes categorias cerâmicas próprias da cultura material fenícia ocidental.

O comércio foi, por certo, a principal atividade económica desenvolvida em Abul A. Grande parte da cerâmica é de importação, como foi demonstrado por análises petrográficas; identificou-se um grupo de pastas (presente em recipientes de engobe vermelho, de cerâmica cinzenta ao torno, de cerâmica pintada de bandas e em ânforas) igualmente detectado no povoado do Castillo de Dona Blanca, na baía de Cádiz (Schmitt, 2000).

Outras atividades económicas encontram-se bem representadas no registo arqueológico, como a criação de gado (boi, ovelha/cabra e porco – este último, raro) (Cardoso, 2000), a agricultura, a fição (presença de fusaiolas) e a metalurgia do ferro (aparecimento de minério, escórias e tubeira de fole de fundição, de secção rectangular, com dois orifícios longitudinais).

A caça, pesca e marisqueio (Marques da Silva, 2000) estão mal representados.

A terceira fase do processo de orientalização de que temos vindo a tratar encontra-se documentada em Setúbal (Soares & Tavares da Silva, 1986) e no Castelo de Alcácer do Sal (Tavares da Silva *et al.*, 1980-81), locais onde, a partir do último quartel do século VII, quando Abul A entra na sua segunda fase construtiva, se assiste à plena orientalização das culturas indígenas da região. Essa orientalização, resultante da intensificação dos contactos entre Fenícios e a população autóctone, poderia ter decorrido em atmosfera de equilibrada interação e mesmo miscigenação. Admitimos a instalação de grupos Fenícios em povoados de fundação indígena, pelo menos a partir de finais do século VII, como é sugerido pelos resultados das nossas escavações no castelo de Alcácer do Sal (Tavares da Silva *et al.*, 1980-81). Tal instalação poderia igualmente explicar o abandono, na primeira metade do século VI, do “palácio-feitoria” de Abul A. Agora já não seria necessário um estabelecimento desta natureza: o comércio passaria a fazer-se no interior dos povoados de origem autóctone que haviam assimilado plenamente inovações tecnológicas, arquitectura e modo de vida orientalizantes.

## HORIZONTE DE TRADIÇÃO ORIENTALIZANTE

Enquanto em grande parte do Alentejo se assiste, após o século VI, à progressiva consolidação de uma Idade do Ferro celtizante, associada à expansão para ocidente de culturas de origem continental – que chegam a atingir a faixa litorânea como é patente nos níveis pré-romanos de Miróbriga (Soares & Tavares da Silva, 1979) e na Pedra da Atalaia (Tavares da Silva, 1978), no litoral alentejano –, em Setúbal, Abul e Alcácer do Sal, os níveis arqueológicos posteriores ao século VI revelam o prosseguimento de uma cultura material de tradição orientalizante.

Em Setúbal (Soares & Tavares da Silva, 1986), a sequência sidérica não ultrapassa, por enquanto, o século IV; em Abul B, pusemos a descoberto um pequeno santuário do século V, com depósitos de oferendas associadas a rituais de fogo (Mayet & Tavares da Silva, 2000); no Castelo de Alcácer do Sal (Tavares

da Silva *et al.*, 1980-81), a Idade do Ferro de tradição orientalizante atinge os alvares da romanização. Admitimos, por um lado, um processo de (re)elaboração cultural local ou regional desenvolvido a partir do substrato orientalizante do século VII-VI, e, por outro, a vinculação de Alcácer do Sal ao mundo púnico gaditano.

Também os níveis arqueológicos do século II e da primeira metade do século I. a.C., que escavamos no Castelo de Alcácer do Sal (Tavares da Silva *et al.*, 1980-81), mostraram a permanência de uma cultura material de tradição fenícia, em período romano-republicano. Como escrevemos em 1980-81, nota-se, nesses últimos níveis, “a predominância do elemento cultural mediterrânico de feição semita (púnica e/ou ibero-púnica) sobre a itálica. Esta última encontra-se representada por escassos (1,8%) e tardios fragmentos de campaniense das classes A e B; a ânfora romana republicana está quase ausente (apenas um exemplar encontrado fora de contexto). Em contrapartida, a cerâmica cinzenta (quase exclusivamente do grupo B – 7%), a cerâmica pintada (sendo a de bandas, exclusivamente monocroma), as ânforas (identificada a forma neo-púnica designada por Dressel18 [Mañá C2]) e a cerâmica comum mostram estar na tradição das cerâmicas das fases anteriores” (Tavares da Silva, *et al.*, 1980-81, p. 211). E mesmo esses escassos produtos de origem ou de imitação itálica (cerâmica de mesa, como campaniense e paredes finas, e ânforas vinárias Dressel I) poderiam ter chegado a Alcácer do Sal, juntamente com salgas de peixe fabricadas na área do Estreito de Gibraltar, por via do comércio desenvolvido pelos “Fenícios de Gadir”, no âmbito de um processo de consolidação da produção escravagista e da economia monetária (López Castro, 1995).

As relações entre Alcácer do Sal e a área de Cádiz, de carácter económico e provavelmente de dependência político-administrativa, com Alcácer do Sal sob a alçada de Gades (Rodríguez Ferrer, 1988, pp. 108-109; Faria, 1992), encontram-se “*patentes na própria tipologia monetária copiada das moedas de Gadir/Gades*” (Faria, 1992). Com efeito, muitas das moedas cunhadas em Alcácer do Sal no período romano-republicano, na segunda metade do século II/primeira metade do século I a.C., integram-se em tipos claramente gaditanos, mostrando a cabeça de Hércules, no anverso, e dois atuns no reverso.

Em meados do século I a.C., provavelmente em 45-44 a.C., são cunhadas novas moedas que mostram no anverso a cabeça de Neptuno acompanhada de tridente e no reverso a legenda IMP. SAL entre dois golfinhos. Esta emissão ter-se-ia ficado a dever aos partidários dos filhos de Sexto Pompeio que teriam passado a denominar a povoação por *Imperatoria Salacia* (Faria, 2002). *Salacia* seria, neste caso, a divindade marinha correspondente à esposa de *Neptuno*, representado, como vimos, no anverso dos referidos numismas. No dizer de Mantas (1996, p. 352), “*trata-se de uma designação que refere inequivocamente o império do mar detido pelos pompeianos*”. Nela está implicitamente referido o comércio marítimo que teria feito a riqueza da povoação pré-romana.

*Cornelius Bocchus* viria a nascer umas décadas mais tarde. Mas o ambiente sociocultural da *Salacia* romana imperial – o centro político-administrativo do Baixo Sado – manteria, por certo, a herança orientalizante, prosseguindo a economia marítima que presidiu à fundação da cidade sidérica que a precedeu.

## REFERÊNCIAS

- CARDOSO, J. L. (2000). Les mammifères d'Abul. In : Mayet & Tavares da Silva, *Le site phénicien d'Abul (Portugal). Comptoir et santuaire* (pp. 281-291). Paris.
- FARIA, A. Marques de (1992). Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*, 1, 39-48.
- FARIA, J. C. Lázaro (2002). *Alcácer do Sal ao tempo dos Romanos*. Lisboa: Edições Colibri.
- LÓPEZ CASTRO, J. L. (1995). *Hispania Poena. Los Fenicios em la Hispania romana*. Barcelona: Ed. Crítica.
- MANTAS, V. G. (1996). Comércio marítimo e sociedade nos portos romanos do Tejo e do Sado. *Actas das I jornadas sobre a ocupação romana dos estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa, 343-370.
- MARQUES DA SILVA, C. (2000). Les mollusques d'Abul A. In: Mayet & Tavares da Silva, *Le site phénicien d'Abul (Portugal). Comptoir et santuaire* (pp. 293-303). Paris. .
- MAYET, F.; TAVARES DA SILVA, C. (2000). *Le site phénicien d'Abul (Portugal). Comptoir et santuaire*. Paris: E. de Boccard.
- RODRÍGUEZ FERRER, A. (1988). El templo de Hércules-Melkart. Un modelo de explotación económica y prestigio político. *Actas del I Congreso Peninsular de História Antigua (Santiago de Compostela, 1986)*, II, 101-110.
- SCHMITT, A. (2000). Étude pétrographique des céramiques phéniciennes d'Abul. In: Mayet & Tavares da Silva (2000), *Le site phénicien d'Abul (Portugal). Comptoir et santuaire*. Paris, 265-279.
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1979). Cerâmica pré-romana de Miróbriga (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*, 5, 159-194.
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1986). Ocupação pré-romana de Setúbal: escavações arqueológicas na Travessa dos Apóstolos. *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Setúbal, 1985)* Lisboa, 87-101.
- TAVARES DA SILVA, C. (1978). Ocupação da II Idade do Ferro da Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*, 4, 117-132.
- TAVARES DA SILVA, C. (2005). A presença fenícia e o processo de orientalização nos estuários do Tejo e Sado. *Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental. El Periodo Orientalizante* Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida, 749-765.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J.; BEIRÃO, C. M.; FERRER DIAS, L.; COELHO-SOARES, A. (1980-81). Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (Campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*, 6-7, 149-218.



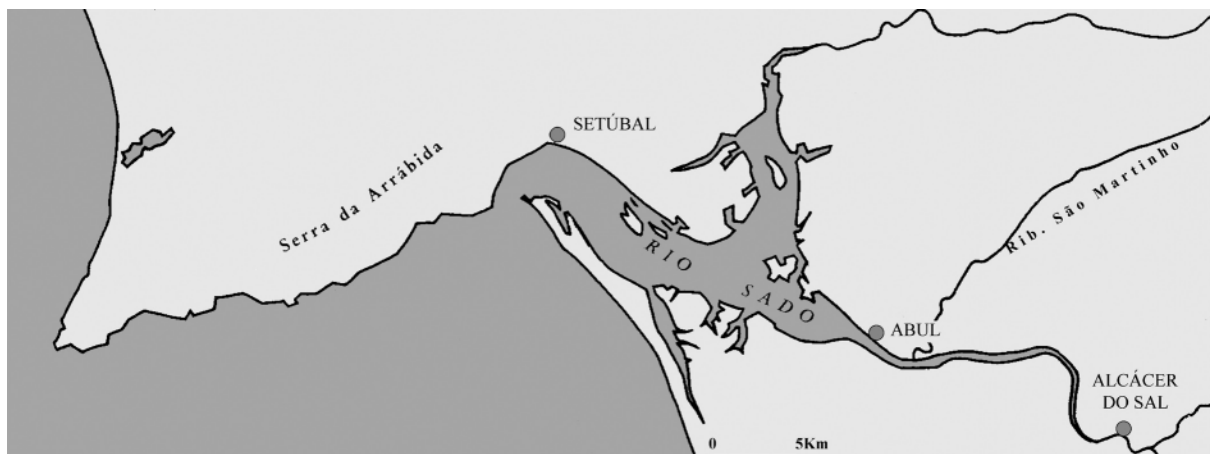


Fig. 1. Localização dos sítios arqueológicos do Baixo Sado com ocupações dos horizontes orientalizante e de tradição orientalizante.

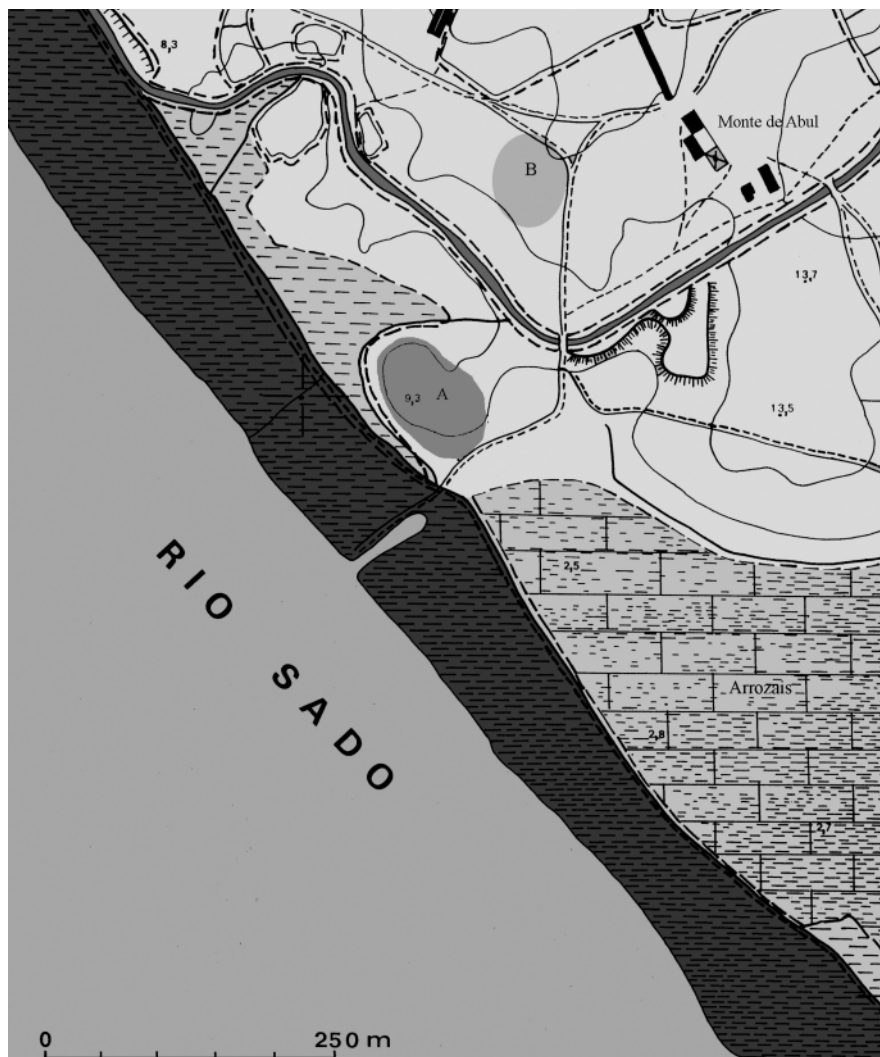


Fig. 2. Localização do estabelecimento fenício de Abul A (A) e do santuário de Abul B (B).

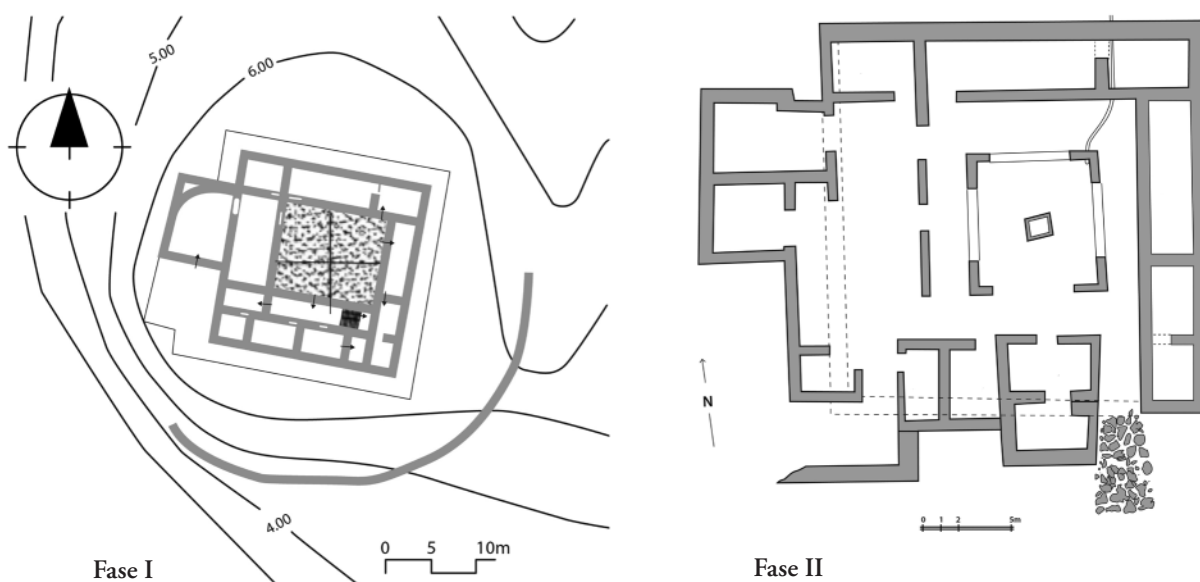


Fig. 3. Plantas esquemáticas das fases de construção I e II do estabelecimento fenício de Abul A (seg. Mayet & Tavares da Silva, 2000).

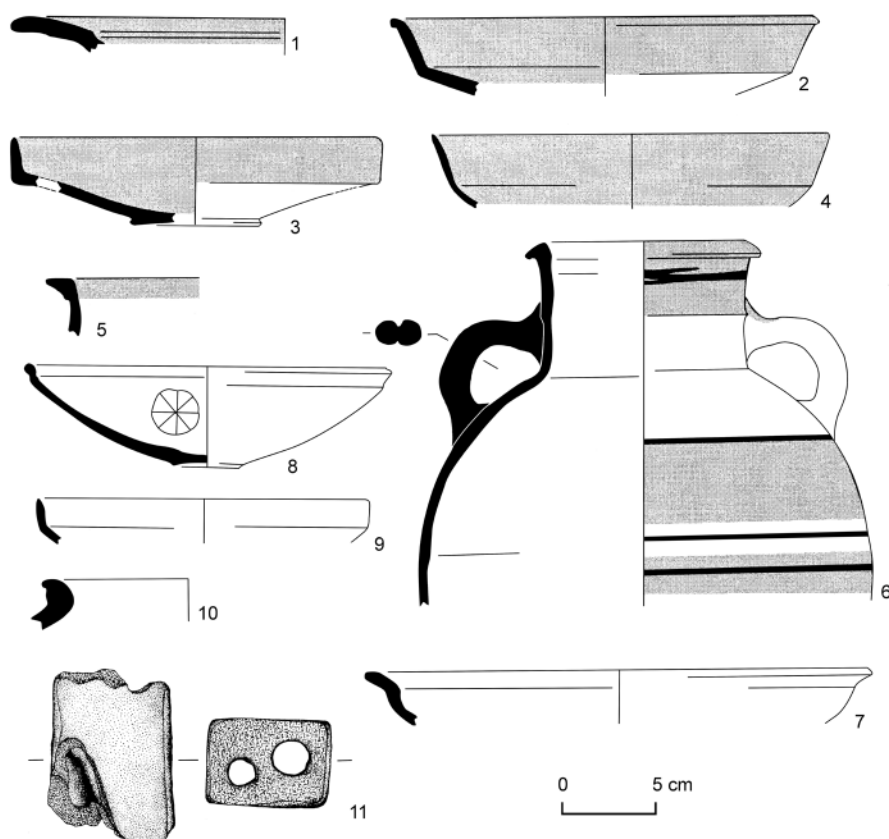


Fig. 4. Materiais da primeira fase de construção de Abul A: 1 a 3 – cerâmica de engobe vermelho; 4 – cerâmica pintada de paredes finas; 5 e 6 – cerâmica pintada de bandas; 7 a 9 – cerâmica cinzenta; 10 – ânfora; 11 – tubeira de fole de fundição em cerâmica (seg. Mayet & Tavares da Silva, 2000).

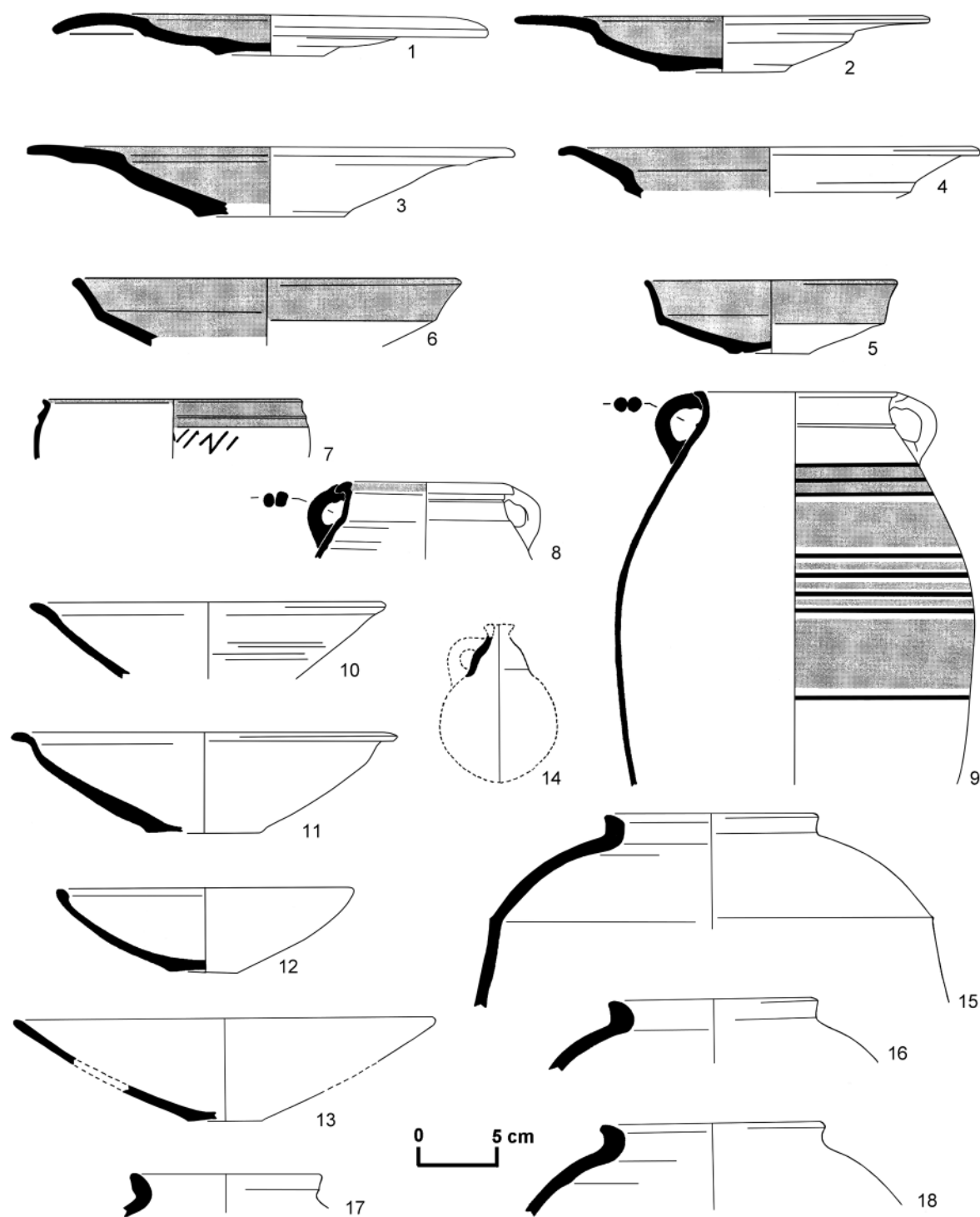


Fig. 5. Materiais do final da primeira fase de construção de Abul A: 1 a 6 – cerâmica de engobe vermelho; 7 a 9 – cerâmica pintada; 10 a 13 – cerâmica cinzenta; 14 – ampola em cerâmica; 15 a 18 – ânforas (seg. Mayet & Tavares da Silva, 2000).

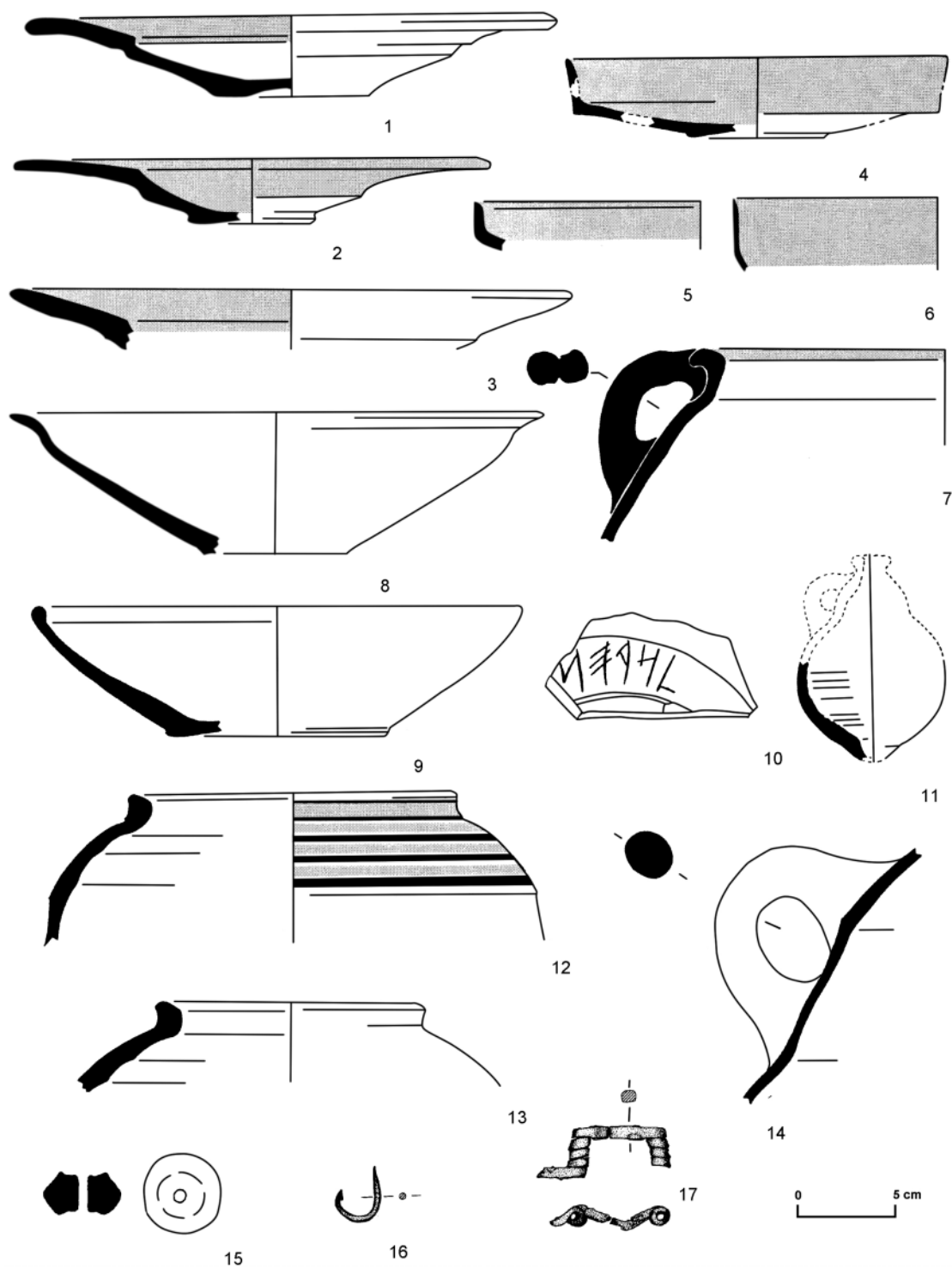


Fig. 6. Materiais do final da segunda fase de Abul A: 1 a 5 – cerâmica de engobe vermelho; 6 – cerâmica pintada de paredes finas; 7 – cerâmica pintada de bandas; 8 a 10 – cerâmica cinzenta; 11 – ampola em cerâmica; 12 a 14 – ânforas; 15 – fusaiola; 16 – anzol em cobre/bronze; 17 – fíbula de bronze (seg. Mayet & Tavares da Silva, 2000).

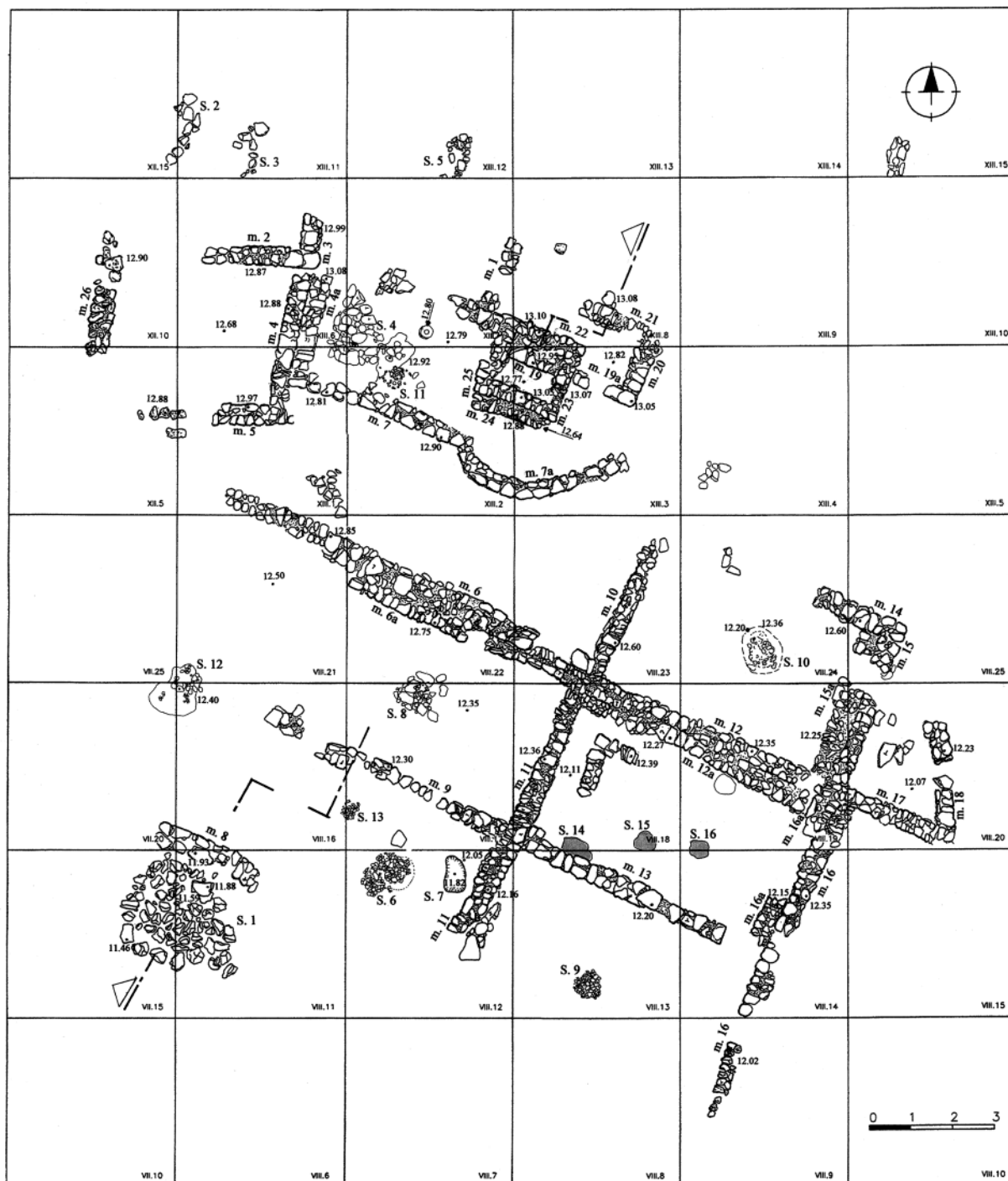


Fig. 7. Planta do santuário de Abul B (séc. V a.C.) (seg. Mayet & Tavares da Silva, 2000).

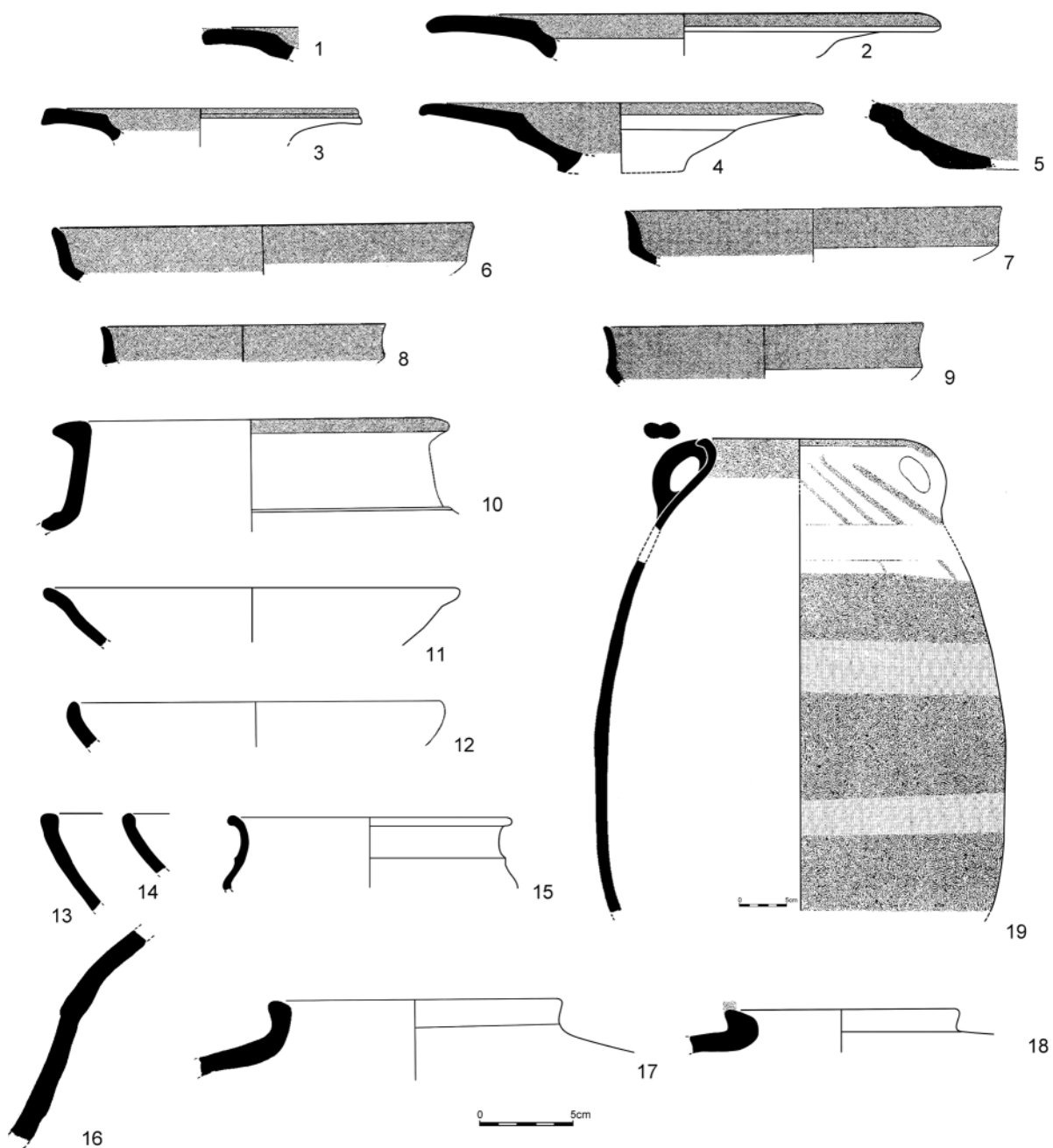


Fig. 8. Materiais do horizonte orientalizante do Castelo de Alcácer do Sal: 1 a 9 – cerâmica de engobe vermelho; 10 e 19 – cerâmica pintada de bandas (“*pitboi*”); 11 a 15 – cerâmica cinzenta; 16 a 18 – ânforas (seg. Tavares da Silva *et al.*, 1980-81).

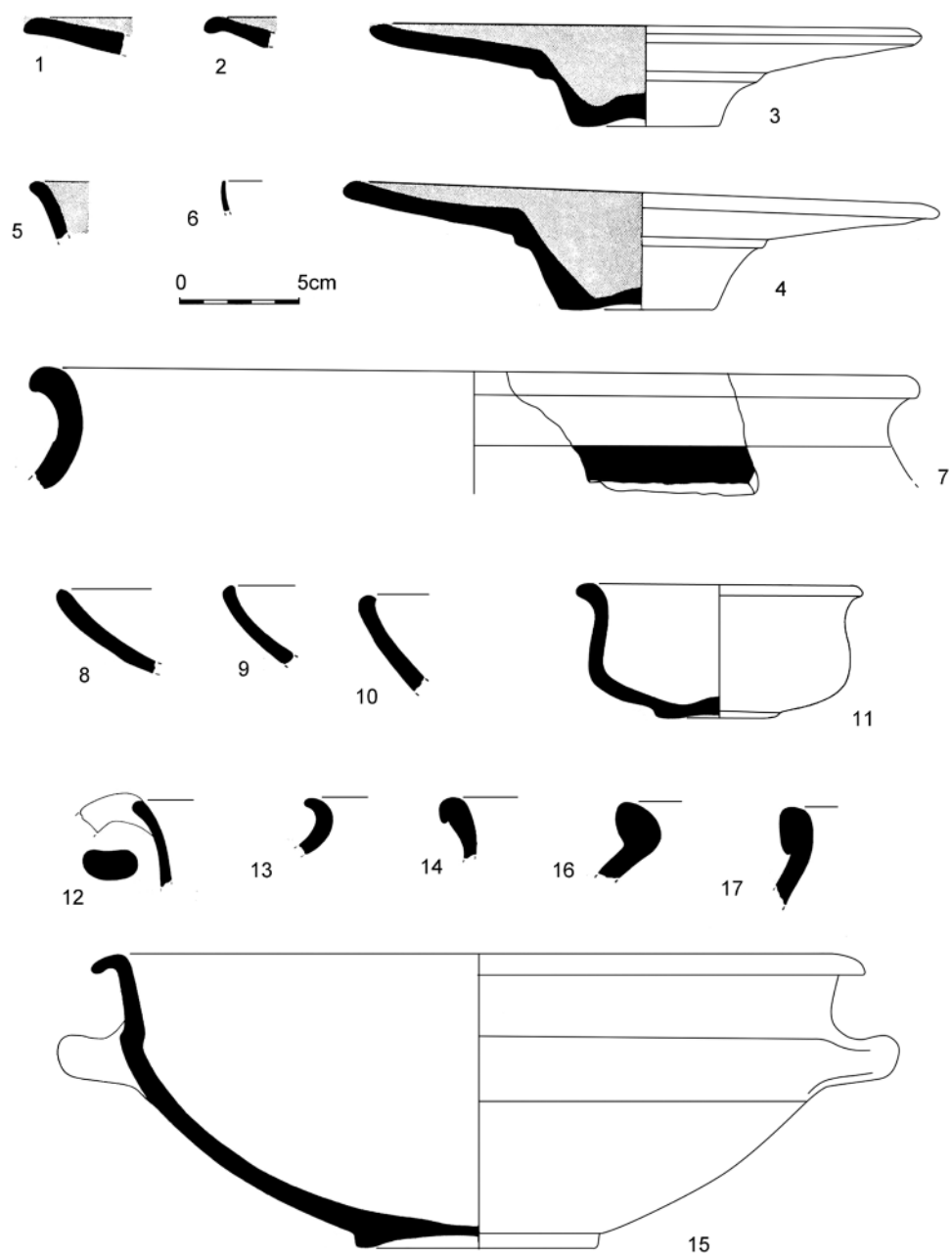


Fig. 9. Materiais do horizonte de tradição orientalizante do Castelo de Alcácer do Sal: 1 a 5 – cerâmica de aguada / engobe vermelho; 6 – cerâmica grega de engobe negro; 7 – cerâmica pintada de bandas; 8 a 14 – cerâmica cinzenta; 15 – cerâmica espatulada “avelá”; 16 e 17 – ânforas (seg. Tavares da Silva *et al.*, 1980-81).

Fases	cs.	cer. manual		cer. cinz. A		cer. cinz. B		cer. eng. verm.		cer. pint.		ânforas		cer. c. torno		cer. ática		cer. camp.		p. f. republ.		Total			
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%		
III	10	120	11,5	34	3,3	74	7,1	95	9,1	70	6,7	116	11,2	531	51,1	-	-	-	-	-	-	-	-	1040	100
IV	8	23	4,1	7	1,3	58	10,4	5	0,9	20	3,6	65	11,7	377	67,8	1	0,2	-	-	-	-	-	-	556	100
V	6	2	0,4	4	0,8	34	7,0	-	-	18	3,7	35	7,2	372	77,0	-	-	7	1,45	11	2,3	483	100		

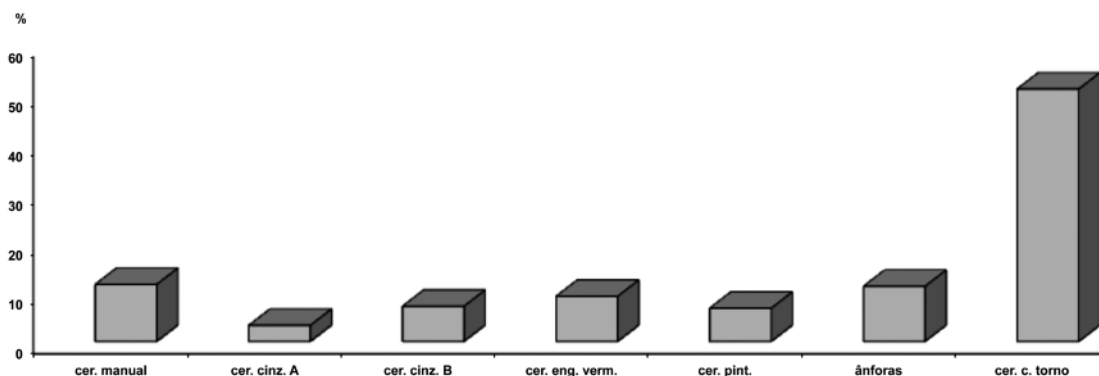


Fig. 10. Cerâmica da fase orientalizante do Castelo de Alcácer do Sal (Fase III, Camada 10).

Fases	cs.	cer. manual		cer. cinz. A		cer. cinz. B		cer. eng. verm.		cer. pint.		ânforas		cer. c. torno		cer. ática		cer. camp.		p. f. republ.		Total			
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%		
III	10	120	11,5	34	3,3	74	7,1	95	9,1	70	6,7	116	11,2	531	51,1	-	-	-	-	-	-	-	-	1040	100
IV	8	23	4,1	7	1,3	58	10,4	5	0,9	20	3,6	65	11,7	377	67,8	1	0,2	-	-	-	-	-	-	556	100
V	6	2	0,4	4	0,8	34	7,0	-	-	18	3,7	35	7,2	372	77,0	-	-	7	1,45	11	2,3	483	100		

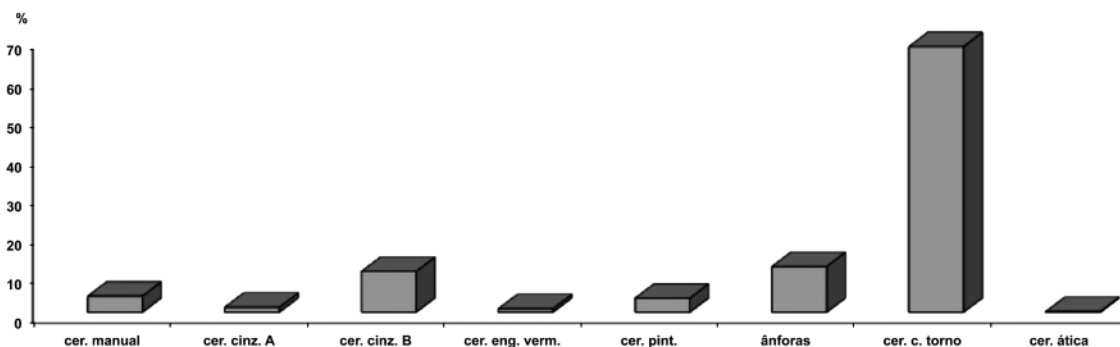


Fig. 11. Cerâmica da fase de tradição orientalizante do Castelo de Alcácer do Sal (Fase IV, Camada 8).



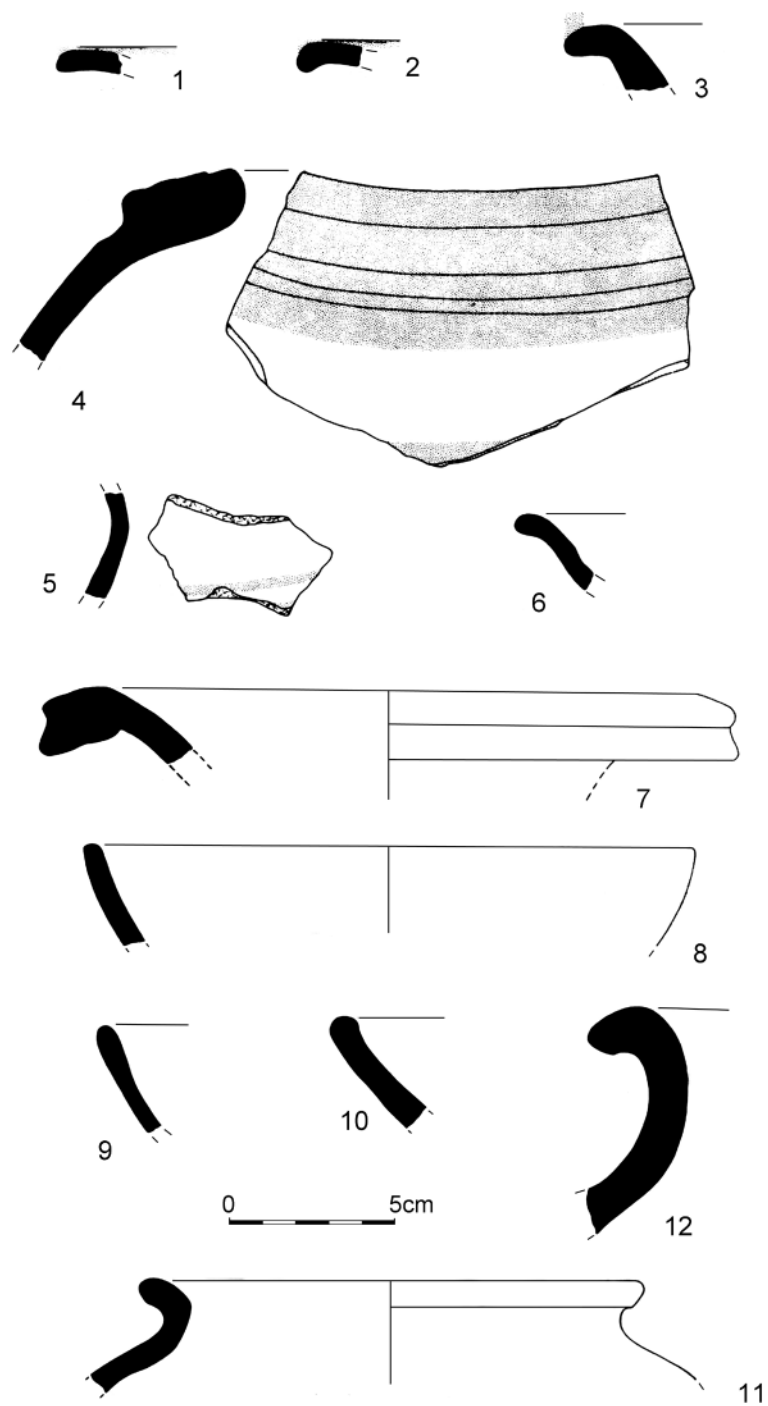


Fig. 12. Materiais do estrato tardo-republicano do Castelo de Alcácer do Sal:  
1 e 2 – cerâmica de aguada / engobe vermelho;  
3 a 5 – cerâmica pintada de bandas; 6 – cerâmica cinzenta; 7 – ânfora; 8 a 12 – cerâmica comum.  
(Seg. Tavares da Silva *et al.*, 1980-81).

Fases	cs.	cer. manual		cer. cinz. A		cer. cinz. B		cer. eng. verm.		cer. pint.		ânforas		cer. c. torno		cer. ática		cer. camp.		p. f. republ.		Total	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
III	10	120	11,5	34	3,3	74	7,1	95	9,1	70	6,7	116	11,2	531	51,1	-	-	-	-	-	-	1040	100
IV	8	23	4,1	7	1,3	58	10,4	5	0,9	20	3,6	65	11,7	377	67,8	1	0,2	-	-	-	-	556	100
V	6	2	0,4	4	0,8	34	7,0	-	-	18	3,7	35	7,2	372	77,0	-	-	7	1,45	11	2,3	483	100

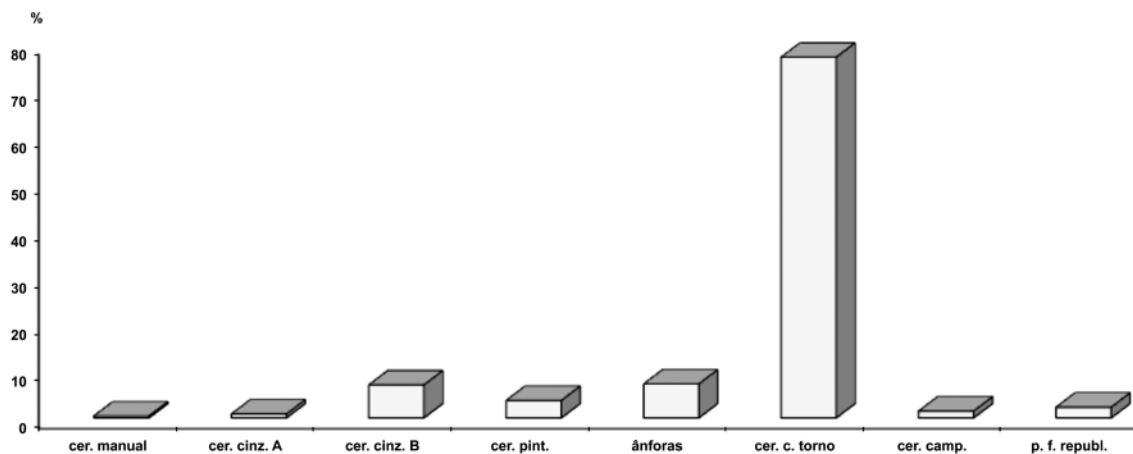


Fig. 13. Cerâmica de tradição orientalizante do estrato tardo-republicano do Castelo de Alcácer do Sal (Fase V, Camada 6).